

VOZES QUE ECOAM, AS NEGRAS (R)EXISTEM: A LITERATURA CONFSSIONAL DE ALICE WALKER E CAROLINA MARIA DE JESUS

Maria de Fátima Falcão (UFT)

fatimafalcao@hotmail.com

Naiana Siqueira Galvão (UFT)

anaiangalvao@hotmail.com

Samantha Leite de Macedo (UFT)

eusamleite@hotmail.com

RESUMO

O objetivo da pesquisa é analisar e discutir o pensamento político negro presente nas falas das protagonistas femininas Celie em *A cor púrpura*, de Alice Walker, e Carolina Maria de Jesus, protagonista e autora da obra *Quarto de despejo-diário de uma favelada*. O trabalho corresponde em uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico, sob o seguimento do viés comparativo envolvendo a teoria da escrita confessional. No decorrer das análises dos excertos literários, percebemos que as vozes dessas personagens personificadas em ambas as obras reverberam um ecoar de luta por visibilidade de gênero, classe, raça além de mobilizar o empoderamento feminino através de suas escritas.

Palavras chaves:

Empoderamento. Escrita confessional. Mulher negra.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze and discuss the black political thought present in the speeches of the female protagonists Celie in Alice Walker, *A cor Púrpura*, and Carolina Maria de Jesus, who is the protagonist and also the author of *Quarto de despejo diário de uma favelada*. The work corresponds to a qualitative approach of bibliographic nature, following the comparative bias involving the theory of confessional writing. During the analysis of the literary excerpts, we noticed that the voices of these characters personified in both works reverberate with an echo of the struggle for visibility of gender, class, race, in addition to mobilizing female empowerment through their writings.

Keywords:

Empowerment. Black woman. Confessional writing.

1. Introdução

O uso literário das práticas comunicativas dos gêneros epistolares começou em meio ao século XVIII, como atividade de escrita para entender as conjecturas de socialização como afirma Dawsley (2017). O

que era privado passa a ser compartilhado em forma de palavras que aproximam e também conservam relacionamentos entre o leitor e o escritor, além disso, mantêm correspondências com as pessoas e é possível diminuir o distanciamento entre elas.

A pesquisa em questão se restringe às cartas ambientadas na esfera privada. Assim a troca de correspondência se pressupõe como uma conservação na qual será estabelecido um elo propenso à construção de relações mútuas e de meios que possibilitam a troca de afeto. Estamos falando das escritoras, Alice Walker e Carolina Maria de Jesus. Elas nos mostram que é possível expressar-se pela escrita, ao deslizar o lápis no papel amarelado, gasto pelo tempo ou em páginas envelhecidas de um caderno encontrado no lixo.

Elas se libertam das ‘amarras’ patriarcais socialmente instituídas ao escreverem. Quando essas mulheres leem e escrevem sobre sentimentos ocultados por anos em relação aos antepassados escravos e os que se fazem presentes hoje revelam reflexos do violento fundo histórico conectado ao sujeito negro. As autoras trazem o posicionamento político e ideológico de pessoas negras, inseridas numa sociedade que efetivamente se esforça para abafar sua existência de ser visivelmente social e cidadã.

Rememorando esses fatos pelo intermédio de suas obras, temos a recuperação de vestígios que nos levam a um redirecionamento reflexivo sobre o esquecimento e ocultamento de práticas culturais e identitárias eurocêntricas na anulação do corpo negro. Portanto, por meio da escrita a respeito de si, somos envolvidos em uma abrangente construção e ressignificação das memórias coletivas e individuais dessas autoras.

Durante muito tempo a literatura confessional foi colocada como uma forma de escrita minoritária. Críticos a consideravam fora do campo literário, uma vez que subvertem as noções instituídas do gênero memorialístico, estilo que se insere no estatuto de textos referenciais que relatam a curso de uma vida. São documentos que “servem”, inicialmente, à história, e enquanto produção de linguagem que o relato memorialístico ultrapassa o seu caráter histórico e se vê como ficção. De acordo com Klinger (2017), essa particularidade de escrever de forma confessional, muito próxima também do epistolar, requer que:

A escrita confessional tem correlação com a categoria da verdade, através do mecanismo da confissão como técnica fundamental para a construção de si mesmo enunciando para um outro as culpas e os pecados como caminho para a ascense purificadora da individualidade em direção à transcendência divina. (KLINGER, 2017, p. 29)

A escrita confessional traz a reflexão do autor. Por um período, o termo foi relacionado à religião, ao ato de confessar ao padre, relatar suas aflições e anseios, contudo, posteriormente, ele foi relacionado à literatura. Um texto com teor intimista, em que o sujeito torna a si mesmo como objeto de conhecimento ou autoconhecimento, relatando suas próprias vivências, atuando como personagem central do enredo de sua história de vida.

Do mesmo modo, escrevendo os nossos pensamentos como se devêssemos comunicá-los mutuamente, estaremos mais protegidos dos pensamentos impuros, por vergonha de tê-los conhecido. Que a escrita substitua o lugar dos companheiros de ascese: enrubescendo tanto por escrever quanto por sermos vistos, abstenhamo-nos de todo o mau pensamento. Disciplinando-os dessa maneira, podemos forçar o corpo à submissão e frustrar as armadilhas do inimigo. (FOUCAULT, 2004, p. 144)

Falar de si é empoderamento. Esse ato não remete apenas ao “eu”, mas faz a conexão entre várias mulheres com experiências similares ou encorajam muitas a ocuparem um lugar de promoção da emancipação. Para as personagens Celie, Nettie, Shug e Carolina de Jesus (autora e personagem de seu livro ou diário) a utilização da escrita de si é uma forma de posicionamento político. É importante que possamos nos conectar às personagens-mulheres como fonte de inspiração, lembrando que Maria Carolina de Jesus não teve acesso ao ensino escolar completo, apenas cursou a segunda série do ensino fundamental básico.

Reparamos que esses processos de constituição de si vão além da individualidade, ou seja, as percepções do sujeito partem efetivamente da coletividade, do contato direto com o outro e assim esses registros estabelecem o selecionamento de fatos para a composição de sua autoformação. De acordo com Galvão (2016, p. 90) “a memória marca nossa identidade, pois contem elementos que revelam os sentimentos, as emoções, as subjetivações, as práxis e nos restabelecem num plano de reconstrução de si”.

Os diários, muitos deles, foram guardados, trancados com cadeados por muitos anos por suas donas que receavam revelar seus sentimentos, desejos, amarguras e desilusões. Logo, esse momento que ocasionou tal escrita, a busca do ato de ampliar sentimentos em um pedaço de papel é o sinônimo de desabafar realidades duras e difíceis que ao transpô-las tornam-se o refrigério, o alívio e a suavização que permitem conviver com a parcela difícil de tais sentimentos. Conforme Gomes (2007),

[...] toda essa documentação de produção do eu é entendida como marcante pela busca de um efeito de verdade, que exprime pela primeira pessoa

do singular e que traduz a intenção de revelar dimensões íntimas e profundas do indivíduo que assume sua autoria. (GOMES, 2007, p. 14-15)

Ao escrever sobre si, o sujeito estende seus sentimentos a partir de referências que tem do outro. A busca pelo “efeito da verdade” pode nos levar a diversos vieses, um deles sendo a do autorreconhecimento ou da autoafirmação do “eu” reconhecido como ser único e particular, que escreve sobre si como forma de autocompreensão.

Através da manifestação da escrita as obras literárias e epistolares podem atravessar os espaços construídos pela inserção desse “eu” (GOMES, 2007) socialmente subjugados pela eurociência histórica. Podemos considerar sob tais julgamentos ocidentalistas que o lugar de pertencimento do negro é reproduzido como um ser atípico, anormal e por isso, é marginalizado. Os aspectos temáticos que incidem neste artigo são as vivências violentas de agressões físicas e psicológicas somado aos registros da realidade de mulheres negras personificadas por personagens femininas nas obras, “A cor púrpura” e a protagonista de seu diário de vida, Carolina de Jesus em “Quarto de despejo”. Sob essa perspectiva, temos observado a condição do indivíduo às práticas socioculturais e históricas tecidas nas obras que nos levam a reconhecer ambos seus crescimentos: intelectual, político e social.

As lembranças apoiam-se em fatos, acontecimentos históricos, e ao mesmo tempo amplia e informam aspectos da história social brasileira, descrevem, detalham, precisam e explicitam os cenários pouco iluminados pelos grandes refletores históricos. (LACERDA, 2000, p. 90)

As autoras apoiam-se em fatos cotidianos de abusos psicofísicos ocorridos com suas personagens, além de rememorar acontecimentos sofridos com seus antepassados. Esse ato de reportar em cartas revela-nos mais que aspectos literários, há vozes que denunciam maus tratos, formas de violência doméstica que Alice Walker e Carolina Maria de Jesus elucidam em suas obras. A escrita epistolar expõe experiências de vida de mulheres negras, pobres, semianalfabetas. Nestas cartas há o chamado para o enfrentamento social que discute a hierarquização de gênero e evidencia seus amadurecimentos diante da sociedade falocêntrica. Carolina Maria de Jesus, escritora¹ negra, favelada, catadora de papel,

¹ “Quarto de despejo”, escrito por Carolina Maria de Jesus no ano de 1960.

nos apresenta a realidade na Cidade de São Paulo², na favela do Canindé, entre os anos de 1955 e 1960.

Walker ganhou projeção mundial em seu terceiro romance “The color purple”³. A escrita de Alice Walker reflete uma estrutura política por conta do seu engajamento em movimentos a favor das mulheres negras, dos direitos civis e das minorias. A obra é composta pelas noventa cartas que compõem todo o romance e que nos vêm instruindo por mais de quarenta anos após o ano de sua publicação.

A escrita de Walker é pautada na construção socialmente evolutiva de figuras femininas negras, em especial Celie ao expor sua “produção do eu” (GOMES, 2007) no seu diário em formas de epístolas contornadas por anseios de um milagre: o reencontro com sua irmã Nettie. Celie denuncia as inúmeras práticas de violências cometidas pelo senhor Mr. ____, a quem se quer ousa balbuciar o nome, somado a isso, conjectura e interliga os sofrimentos que demais mulheres negras, pobres, lésbicas e analfabetas presenciam constantemente em uma sociedade americana no início do século XX, como podemos ver em:

“Quem você pensa que é?, ele diz. Você não pode amaldiçoar ninguém. Olhe pra você. Você é preta, é pobre, é feia. Você é mulher. Vá pro diabo, ele diz, você num é nada (...) Eu na certa surrei você é o bastante.”
(WALKER, 2018, p. 186)⁴

O processo da construção do “eu” é permeado pela união de discursos em que o “eu” da narradora representa o de inúmeras outras mulheres da sua comunidade, sendo a raça, a cor de pele o elemento crucial para serem vítimas de estupro, de sexismos, dos preconceitos e do racismo. Já Carolina Maria de Jesus, por meio de seus relatos diários, mostra-nos uma maneira de denunciar os males que viveu. Pela escrita, ela sobrevive à faminta realidade que o pobre brasileiro enfrenta incessantemente, “é preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou

² Durante a época em que foi escrita a obra Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus o Brasil tinha como presidente os anos de 1956 e 1961 Juscelino Kucitschek (1902–1976) e a Cidade de São Paulo era governada por Jânio Quadro (1917–1992).

³ Alice Walker: A cor púrpura, escrita no ano de 1985 ganhadora do prêmio Pulitzer de 1983.

⁴ “Who you think you are, he says, You can’t curse anyone. Look at you, you’re black, you’re poor, you’re ugly, you’re nothin’at all. I thought, you are enough.” (WALKER, 1986, p. 186).

na favela. (...) As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários” (JESUS, 2014, p. 52).

Silviano Santiago (2002, p.44/5), em *Nas malhas da letra: ensaio*, pergunta “quem narra uma história é quem a experimenta, ou quem a vê?”, ou seja, quem a experimenta narraria as próprias ações a partir de suas próprias experiências, já quem vê uma história narraria a partir do olhar de quem faz observação de um outro sujeito. No caso da autora Carolina de Jesus, a narrativa expressa tanto sua própria vivência, pois a autenticidade vem tanto de seu conhecimento de vida como narradora e protagonista, como de sua observação em narrar o que conhece.

Santiago (2002, p. 44/5, grifo do autor) esclarece que para Walter Benjamin “os seres humanos estão se privando hoje da “faculdade de intercambiar experiência”, isso porque as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo”. Assim, a modernização da sociedade torna difícil a troca de opiniões sobre as ações vivenciadas no dia-a-dia pelo sujeito, pois não conseguem trocar experiências sobre o que se passa consigo mesmo. A autora Carolina de Jesus mergulhou na própria vida e extraiu dali seus escritos; além de ser muito objetiva é ao mesmo tempo uma observação de si mesma no seu contexto de vida.

A sua narrativa é de ensinamentos de sobrevivência, de como lidar com preconceitos, sexismo, pobreza e descaso. Na verdade o que lemos é parte de sua sabedoria através do seu saber-fazer para continuar lutando e, ao mesmo tempo, encontrando na escrita uma forma de entender a própria existência.

A autora, cônica em relação às questões governamentais, faz diversas críticas aos políticos e a corrupção no Brasil. Essa é uma das formas de denunciar o social da escritora. Carolina Maria de Jesus, mulher negra, favelada, mãe de três filhos, catadora de papel, revela dentre tantas lições a de não se entregar para o desespero e a de lutar por algo melhor, constantemente, na vida familiar e pessoal. Conforme o exposto por Eliana Castro (2007):

Carolina não corresponde aos estereótipos e sempre surpreende. Negra, espera-se que seja humilde, mas não é. Mulher, espera-se que seja submissa, mas não é. Semianalfabeta, espera-se que seja ignorante, mas não é. E não sendo o que se espera dela, é rejeitada como pessoa pela sociedade e incompreendida como escritora. (CASTRO, 2007, p. 77)

Alice Walker, assim como Carolina de Jesus, caracteriza em sua obra a memorialística realidade de seus árduos e sofridos dias e noites. Em *A cor púrpura*, a personagem Celie escreve na primeira fase cartas para Deus narrando suas dificuldades, o seu sofrimento e as incertezas de sua vida e de suas vizinhas e colegas negras. A personagem protagonista passa por infundáveis abusos sexuais, físicos e psicológicos, e como meio de aliviar seu corpo e mente pede ajuda para Deus escrevendo-lhe cartas.

“(...) O Deus para quem eu rezo e para quem eu escrevo é homem. E age igualzinho aos outro homem que eu conheço. Trapaceiro, isquecido e ordinário. Ela falou, Dona Celie é melhor você falar baixo. Deus pode escutar você. Deixa ele escutar, eu falei. Se alguma vez, escutasse uma pobre mulher negra o mundo seria um lugar bem diferente, eu posso garantir.” (Walker 2018 p. 227)⁵

Esse processo de escrita confessional remete-nos ao caráter das resistências de Celie e Carolina. Denunciar os abusos usando como recurso suas urdiduras diárias transplantadas para o papel. O “eu” inscrito nas cartas de Celie é uma fala de revolução pacífica, jamais passiva. Celie busca viver em paz, não confronta aquilo que lhe é imposto, porém apesar de ser alvo de ações vindas de outros, a personagem ancora seus desejos e não permite que os mesmos sejam destruídos.

Carolina Maria de Jesus e Alice Walker são autoras negras que transportam em suas obras as faces do racismo e suas práticas misóginas ao longo dos séculos. Celie, Shug⁶ reproduzem os vários contextos de violações que mulheres negras estão inseridas na sociedade americana no início do século XX – preconceito, racismo e sexualidade, desumanização e segregação racial.

Na história, o racismo é construído pela ideia de dominar o sujeito fora do padrão europeu. É a força motriz que gerou durante séculos o tráfico de escravos e com o período de independência dos E.U.A seus estados alimentaram durante anos e anos a segregação racial.

⁵ “(...) The God I been praying and writing to is a man. Act just like all the other mens I know. Trifling, forgetful and lowdown. She said, Miss Celie, You better hush. God might hear you. Let him hear, I said. If ever listened a poor and black woman, the world would be a very dfferent place, I can assure.” (WALKER, 1986, p. 112).

⁶ Shug Avery é uma personagem notável, chamada Lillie por seus pais, mas é conhecida por todos os seus admiradores como Shug. É descrita por Celie como doce. Ela é uma mulher de grande força de caráter, ousada, quando necessário é agressiva, sempre pronta para lutar pelo que acredita e aparentemente sem medo de enfrentar qualquer situação imposta para sua vida.

Sophia, nora de Celie, não permitia ser oprimida ou reprimida de qualquer maneira, nem por sua cor de pele, nem por ser mulher, nem por ser gorda e analfabeta. Contudo, apesar de sua determinação, ela passa por acontecimentos traumáticos que acometem sua saúde psíquica levando-a para um destino de amargura e solidão. Mesmo com tanta força e vigor, Sophia não conseguiu vencer as ‘correntes do cárcere’ social, ela se entregou. Todavia, ela foi exemplo para Celie continuar crendo que é possível vencer quando há um amor incondicional capaz de mover seu ‘eu’ mulher valorizando as batalhas enfrentadas desde a história da gênese feminina.

Carolina Maria de Jesus expõe como o sujeito favelado é mantido às margens dos benefícios que o governo brasileiro constitucionalmente e democraticamente emprega no território nacional. Descreve criticamente que essa comunidade é rotulada de escória periférica e por estas, e demais razões, que o povo da favela, em especial a do Canindé, é estigmatizado pela sua raça, status social e econômico.

1.1. A literatura através das cartas e diários: a escrita e a revelação do “eu” feminino negro.

Ao usar o “eu” (GOMES, 2007) nos diários, as autoras através das personagens abandonam a crucialidade da subjugação e reprimendas para serem representadas na fala do outro, que são as personagens (Celie, Shug, Sophia e Carolina). Esse ato de autoridade pela escrita assume seus corpos, suas formas, suas intrínsecas maneiras de repensar a linguagem para atingir a vivacidade no enredo. A importância de abordar a escrita dessas mulheres, uma afro-brasileira e a outra afro-americana, é a necessidade de evidenciar sua africanidade e historicidade na reafirmação da conduta de resistência pela escrita epistolar.

Esta escrita vem sendo usada por mulheres há séculos. Ela foi colocada durante anos como mera figura de escuta de seus pais, irmãos ou outro tipo de hierarquização senhoril, sendo-lhes restringidas leituras e pena. Em contrapartida, para aquelas que tiveram o privilégio do livro estar por entre suas mãos, os atos de ler e escrever vão se tornando refúgio, conforto, deleite e até rota de fuga para suas amarguras e diversidades da vida.

A participação das mulheres no cenário literário foi de difícil inserção. As escritoras usavam pseudônimos masculinos para conseguirem

publicar seus trabalhos. Por esse viés, percebemos a marginalização da escrita feminina. Para as mulheres brancas havia os pseudônimos que estrategicamente utilizados impulsionavam a divulgação de suas obras. Logo, se refletimos sobre as mulheres negras é bem certo que necessitariam cada vez mais reafirmar o ideal de luta, na busca pela epopéia de desconstrução do padrão classicista literário.

Desde então, a literatura confessional ou a epistolar atua como motor da causa operante das personagens Celie e Carolina Maria de Jesus, que informa aos leitores os árduos contextos históricos e culturais que seu povo forçadamente viveu na diáspora do tráfico transatlântico e que remontam os diversos discursos excludentes e ofensivos deixados pelos resquícios da escravidão. Partimos da ideia de que ao escrever sobre sua “própria” realidade o sujeito torna-se mais conhecedor de si, portanto crítico.

Por meio dessa literatura, na qual se compreendem “identidades e culturas negras (...) acredita-se que se constroem oportunidades de expressão de si, da negritude, de referências de africanidades, de vivências, bem como de concepções de mundo” (SANTIAGO, 2012, p.133). As correspondências no romance de Alice Walker representam o gênero literário epistolar como mecanismo possível para a fala dos silenciados na esfera social. Celie e suas companheiras mulheres negras, são desvozeadas pela cor de suas peles, gênero, classe o que resulta em escalonadas práticas de violência. A protagonista clama por um afago e o encontra, primeiramente, ao desabafar com Deus as atrocidades que sofria de seu suposto pai que lhe dizia: “é melhor você nunca contar a ninguém, só para Deus. Isso mataria sua mãe.” (WALKER, 2018, p. 9).⁷

Assim, o sujeito se ressignifica a cada momento que escreve e lê aquilo que passa para o papel, (re)conhecendo suas ações de posicionamento discursivo que acaba redimensionando suas práticas de si que o autoconstrói. Com relação à Maria Carolina de Jesus a escrita não é apenas seu abrigo, também é sua defesa. Na favela do Canindé, a autora personagem menciona aqueles que a incomodam, e adverte alguns que os colocaria em seu livro caso continuassem a maltratarem seus filhos. Outrora, muitas vezes os moradores pediam para que ela não escrevesse seus nomes, tinham receios do que o outro poderia saber de suas ações, inclusive o pai da filha da protagonista. Carolina usa a literatura como

⁷ “You better never tell nobody but God. It’d kill your mammy.” (WALKER, 1896, p. 11).

denúncia, delata políticos e aqueles que agem de forma corrupta, como observamos neste trecho:

“Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil a pátria e ao país. Pensei: se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Janio Quadros, o Kubstcjek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem minhas dificuldades (...). O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças.” (JESUS, 2014, p. 29)

Apesar de sua posição social, Carolina entende que precisa pensar além das madeiras de seu barraco, entende que através da arte ela conseguirá se libertar das amarras de seu difícil cotidiano. Como ela mesma enuncia, quando não tinha nada para comer ela escrevia, ao invés de falar mal, ela escrevia, fazendo de sua fome e da fome dos seus filhos a arte de produção do “eu”. A escrita concretiza pensamentos, faz com que o escritor se deleite em seus sentimentos mesmo sendo de fome, de dureza, de angústia. Carolina se entrega na escrita de seu diário para camuflar a fome que é a antagonista de sua vida e de suas crianças e de tantos outros brasileiros.

As duas escritoras brevemente analisadas nos evidenciam o amadurecimento da produção do “eu” confessional pela escrita diária, das narrativas das personagens afrodescendentes que fizeram das letras suas eternas armaduras de lutas. Como resultado suas obras expõem grandes feitos, uma afroepopeia de empoderamento feminino negro. Nessa ótica, conforme afirma Galvão (2016, p. 89), “expressar o valor e respeito por algo que é reconstruído e revivido pela narração é manter aceso o caminho para formar o eu, o outro”.

Celie, vozeada por Walker, descreve sua maturação psicológica, conseguindo atingir a importância de se (re)conhecer enquanto pessoa, ser humano, mulher dotada de particularidades subjetivamente (re)construídas a cada embate de afirmação existencial como mulher, negra e semianalfabeta numa sociedade americana da região da Geórgia.

Essas escritas são compromissadas com a finalidade de desmistificar os estereótipos que propagam imagens inferiorizadas e dos discursos racistas, além disso, instigam os leitores a exercerem o senso crítico que aborda os/as negros/as, esse “eu” produto do livro expõe o reconhecimento do outro, produz sobre quem lê sensações de proximidade, uma sororiedade discursivamente expressada no diálogo com o leitor.

Nas cartas que escreve para Deus, algumas vezes, Celie encontra-se em um dilema, a saber, como ela (a personagem) poderia passar por tanto sofrimento com os homens e ainda escrever para uma figura masculina, neste caso, o Deus dos cristãos? Outra personagem que surge na vida da nossa protagonista é Shug Avery. Ela demonstra para Celie os caminhos de sua autovalorização enquanto mulher e como apreciar diante do espelho as curvas de seu corpo e por ele, também, ser o fio condutor de seu descobrimento, de sua sexualidade.

Pelas autoras, o apanhado memorial e argumentativo da identidade afrodescendente é explanado pelas narrativas memorialísticas históricas de suas personagens, o redirecionamento dos discursos científicos eurocêntricos proferidos do/a negro/a como um alerta para os leitores sobre ter um único lado de sua história.

“Eu me lembro de certa vez quando você me contou que sua vida deixava você tão envergonhada que nem com Deus você conseguia falar a respeito, você tinha que escrever, apesar de achar que você escrevia mal. Bem, agora eu entendo o que você quis dizer. E independente de Deus lê cartas ou não, eu sei que você vai continuar escrevendo; o que é inspiração suficiente para mim. De qualquer forma, quando eu não escrevo para você eu me sinto tão mal como quando não rezo, trancada dentro de mim mesma, meu próprio coração me sufocando. Estou me sentindo sozinha, Celi.”⁸ (WALKER, 2018, p. 112)

“A cor púrpura” retrata a vida de pobres mulheres negras, assim como Carolina o fez em seu diário “Quarto de despejo”, sabemos que elas sofrem por inúmeras opressões pelo fato de serem negras, pobres, semianalfabetas, assujeitadas, como escravas de seus pais e maridos, vendidas ou trocadas como objetos sem valor, de forma barata e desprestigiada, em outras palavras, são seres descartáveis – abjetos na concepção de formação ideológica falocêntrica.

Em suas obras, Alice Walker escreve com base em suas próprias experiências na sociedade patriarcal, retratando abusos e racismos que sofre (u) durante a sua trajetória. Neste caso, nos referenciamos Celie que padecia, lembrando da repressão de mulheres brancas, e de homens negros que usavam a violenta maneira de dominação falocêntrica: o estupro. Esse falocentrismo no mundo patriarcado entre as histórias de

⁸ “I remember when you already counted on your own woman that you just embarrassed what you want you to have said, you had to write even though you were not sure. Well I mean what do you mean. And regardless of God’s reading letters or not, I know you’ll keep writing; what is necessary? Anyway, when I do not write to you, when you’re not praying, I do not care. I’m feeling lonely, Celie.” (WALKER, 1986, p. 120).

suas personagens interliga uma a uma, conectam seus sofrimentos em decorrência dessas ações patriarcalmente impostas às mulheres e crianças.

É imprescindível ressaltar que o sexismo está presente nas duas obras analisadas neste artigo. Carolina apesar de não ter se casado, relata muitos casos de mulheres que passavam a noite sendo espancadas pelos seus companheiros, que sofriam violência física e psicológica por parte de seus ditos ‘companheiros’, a maioria deles, pais dos filhos que elas carregaram e tentam protegê-los do gigantesco devorador social de corpos negros e mestiços: a própria ideologia masculina dominante. Essas mulheres presentes em seu diário eram obrigadas a fazerem e realizarem os desejos de seus parceiros, inclusive sustentar seus vícios: bebidas e drogas. Celie era obrigada a engraxar os sapatos de seu senhor Mr. _____, preparar a refeição fresca, capinar a horta, plantar, colher, educar seus filhos órfãos e fazer todas as suas vontades. Ela conhecia tão bem seus gostos que era capaz de os ‘prevê’, mesmo assim, as agressões não cessavam uma palavra amiga jamais era dirigida à sua pessoa, nem se quer um mero bocejo de agradecimento pela servidão tão fiel e transparente.

2. *Algumas considerações finais*

A escrita literária percorre por horizontes (in) tangíveis, não se trata apenas de uma forma de ganhar renda, a escrita confessional em especial, como afirma Sheila Dias Maciel (2004, p. 58), “o instinto autobiográfico é tão antigo quanto à escrita, ou melhor, é tão antigo quanto o desejo humano de registrar suas vivências”. As personagens das obras femininas em discussão escreviam para sentirem-se vivas, refugiavam dentro de si pelas poucas palavras e não se perderam, pelo contrário, elas encontraram, no deslize assimétrico do movimento que a caneta faz na folha de papel, um motivo para resistirem e serem percebidas como sujeitos criticamente importantes e conscientes de suas rotinas, bem como afirma Halbwachs (1990):

“Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas não são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetivos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós.” (HALBWACBS, 1990, p. 26)

Quando buscamos compreender como certas categorias de palavras são utilizadas por determinados grupos sociais, é possível visualizar o modo de construção que as identidades dos sujeitos fortalecidos pelas

nuanças discursivas proferidas nesses espaços de pertencimento de lutas podem ser a força motriz para uma movimentação crítica do povo oprimido e minoritário. Nesta concepção, o sujeito negro tem a legitimidade para abordar assuntos intrínsecos ao seu povo, a sua ancestralidade e a descendência, assim como é explorado por Carolina de Jesus. A escrita confessional harmoniza essa manifestação de vozes que as mulheres negras conseguem emanar a partir de suas habilidades com a linguagem e retratar as denúncias das mazelas sociais bem como serem porta-vozes para outras mulheres, alertando-as e redirecionando-as para a visão crítica étnico racial.

Logo, pelas discussões neste, entendemos que a escrita está vinculada a delegação de poder feminino e tendo as obras produzidas por afro-descendentes a promoção de autonomia é destacada e o feminismo negro é afluído, ecoado para muitas mulheres. Como diz Bell Hooks (2015), o empoderamento diz respeito às mudanças sociais numa perspectiva antirracista, antilietista e antissexista, por meio das mudanças das instituições sociais e das consciências individuais. Essas práticas de modificações devem ocorrer durante o cotidiano, o rotineiro. Os relatos feitos por Celie e Carolina são exercidos diariamente, suas revoluções começaram em primeira instância internamente. E o processo de emancipação se manifesta de diversas formas, a escrita nos mostra através das obras que é uma ferramenta poderosa para o auto (re) conhecimento dos indivíduos que o praticam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO; MACHADO, Muito bem, Carolina! – Biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: C/ Arte, 2007.

DAWSLEY, Sayonara Lima. A escrita de si em A cor púrpura, de Alice Walker e Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus (manuscrito) 2017.

FOUCAULT, Michel, A escrita de si. In: FOUCAULT, M. *Ética, sexualidade e política*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Moua; trad. de Elisa Monteiro e Inés Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GALVAO, Naiana Siqueira. *Identidade e docência em narrativas de história de vida de professores de literatura africana do Campus de Araguaína – UFT* (2016). Dissertação de Mestrado do Programa de Pós

Graduação em Ensino de Língua e Literatura – PPGL, *Campus* de Araçuá, Universidade Federal do Tocantins.

GOMES, Angela de Castro. *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 1990.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista, Black Women: shaping feminist theory. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 16, Brasília, janeiro-abril de 2015, p. 193-210.

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo*: Diário de uma Favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro*: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7letras, 2017.

MACIEL, Sheila Dias (Orgs). *Em diálogo*. Estudos Literários e Linguísticos. Campo Grande: UFMS, 2004.

SANTIAGO, Ana Rita. *Vozes literárias de escritoras negras, Cruz das almas*. Bahia: UFRB, 2012.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*: ensaios. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

WALKER, Alice, *The color purple*. São Paulo: Marco Zero, 1986.

WALKER, Alice. *A cor púrpura*. Trad. de Betúlia Machado, Maria José Silveira e Peg Bodelson. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.